SCHEFF, Thomas J. 'Uma taxonomia das emoções: como começar'. *RBSE – Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*, 11 (31): 12-30, Abril de 2012. ISSN 1676-8965.
ARTIGO
http://www.cchla.ufpb.br/rbse/Index.html

Uma Taxonomia das Emoções
Como começar*

Thomas J. Scheff
[Tradução de *Mauro Guilherme Pinheiro Koury*]

Resumo: Este trabalho propõe a necessidade de uma taxonomia (sistema de classificação) das emoções, e uma maneira para que possamos começar a desenvolve-la. Precisamos de uma rede de nomes de emoções claramente definidas como conceitos, em vez de usar palavras vernáculas. A primeira pergunta é: por quê? Parece que o significado dos nomes vernáculos para as emoções, mesmo na pesquisa, é extremamente ambíguo. A segunda pergunta: não existem taxonomias adequadas? É evidente que não existe consenso ou até mesmo similaridades, entre as várias propostas de tentativas de taxonomias. A terceira questão: se quisermos desenvolver uma nova taxonomia, como devemos proceder? A maior parte deste artigo é dedicado a este último tópico. O problema é encontrar uma maneira de gerar conceitos de emoções que se encontrem intimamente relacionados com os dados reais que os conceitos pretendem representar. Esta questão pode ser tratada como um problema de parte/todo, com os conceitos representando totalidades, e as

* A idéia básica deste trabalho foi apresentada pela primeira vez no Seminário de Bengt Starrin sobre emoções na University of Karlstadt. Sou grato a ele por seu encorajamento, e em particular, para este artigo, ter me chamado a atenção para o capítulo oito do livro de Richard Lazarus (1997).

informações empíricas as partes. Os estudos realizados por Goffman procuraram conceituar as noções de embaraço/vergonha, por um lado, e de sintonização (conhecimento mútuo), por outro. O seu ponto forte se encontrava na analise de muitos exemplos concretos, as partes, antes de usá-los para ajudar a definir um conceito, o todo. Como conclusão, várias implicações do método aqui proposto serão oferecidas. **Palavras-chave**: Emoções; Sistema de Classificação; Erving Goffman, Norbert Elias.

Recebido em: *05.01.2012*
Aprovado em: *10.01.2012*

♣

Por que precisamos de uma Taxonomia?

Embora atualmente existam um grande número de estudos sobre emoções, quase todos eles falham em definir a emoção que se está investigando. Os estudos existentes, de um modo geral, usam palavras vernáculas para nomear as emoções. Uma razão do porque precisamos de conceitos é que, no idioma inglês, particularmente, estas palavras vernáculas são ambíguas.

Nos limitaremos, apenas, em alguns dos muitos exemplos possíveis como: o orgulho, o amor, o luto/angústia, e a vergonha/constrangimento. Em inglês, ao contrário da maioria das outras línguas, a palavra "*orgulho*" pode significar tanto orgulho genuíno/orgulho justificado, por um lado, quanto arrogância/presunção ("*O orgulho caminha antes da queda*"), por outro. Estranhamente, em inglês, se a palavra orgulho é usada sem um adjetivo, como geralmente o é, conota presunção ao invés de justificado orgulho.

A palavra amor em inglês, muito mais do que em qualquer outra língua, é tão ampla e abrangente a ponto de

ser descontroladamente ambígua (Solomon, 1981, 1982)[1]. Há vinte e quatro significados atribuídos ao amor nos dicionários, de modo que diversos sentimentos estão neles incluídos: como a paixão, a luxúria e a mágoa, por exemplo. A amplitude do seu uso permite até a inclusão de estados altamente patológicos (*Mulheres que amam Demais*).

O significado da palavra vergonha em inglês, por outro lado, é tão estreito que chega a excluir a maior parte dos tipos de sentimentos que outras línguas definem como fazendo parte da família da vergonha. Em inglês, a vergonha se refere a uma emoção intensamente dolorosa de desgraça. Mas outros idiomas incluem nela muito mais sentimentos, como o constrangimento comum, a modéstia, e até mesmo a antecipação da vergonha (*modéstia* ou "*sentimento de vergonha*").

Há também uma segunda razão em que os conceitos de emoção são necessários. Pesquisadores das emoções utilizam uma grande variedade de nomes para as emoções: há muitos nomes diferentes usados para o que parece ser uma mesma emoção, cada um aparentemente conotando uma sutil diferença ou, às vezes, um significado flagrantemente diferente.

Um exemplo seria a emoção que é usualmente chamada de *luto* na literatura clínica, que segue a perda de alguém, ou uma antecipação dessa perda. Há uma vasta literatura sobre o apego e sobre o desenvolvimento infantil que usa esse termo em vez de angústia para compreender o medo da perda. Angústia, porém, é um termo muito mais abrangente do que luto ou pesar, uma

---

1 - No entanto, depois de notar os muitos e estreitos significados sobre o amor, Salomão continuou a propor uma definição cognitiva e emocionalmente interessante e importante, porém tão estreita que deixou de fora o componente físico do amor, o apego.

vez que conota uma dor física tanto quanto emocional, e implica consciência mais do que pesar.

Silvan Tomkins (1962) usou a palavra angústia, em vez de luto. Nos três primeiros volumes de *Affect/ Imagery/ Consciousness* [*Afeto/Imagens/Consciência*](1962; 1963; 1965; 1992) a palavra angústia é usada frequentemente, já a palavra luto é usada apenas em uma página (v.2, p 6.). No entanto, no Volume 4 (1992), há uma mudança abrupta: o termo angústia desaparece, e o seu lugar, aparentemente, é tomado pelo termo luto.

Nos primeiros três volumes é bastante claro o que Tomkins entende por angústia, porque ele conecta o termo angústia à perda, e ao choro. No volume IV, porém, ele faz esta conexão utilizando apenas a palavra luto. O que aconteceu? Tanto quanto eu sei, não houve resposta para esta dramática mudança na nomenclatura.

Os estudos originais sobre a expressão facial das emoções seguiram os primeiros usos feitos por Tompkins: nem Ekman e seus colegas, nem Izard, referem-se ao luto. No entanto, trabalhos posteriores, como os de Harre e Parrott, referem-se apenas ao sentimento do luto, nunca à angústia. Plutchik (2003) também se refere apenas a dor do luto. Outros usam a palavra tristeza, ao invés de angústia ou luto. Volkan (1988, 1997, 2004), um dos principais teóricos do conflito, utiliza uma nomenclatura completamente diferente. O que eu chamaria de *mágoa não resolvida*, uma categoria padrão de diagnóstico em psiquiatria, desempenha um papel central em sua obra. Contudo, em vez de se referir a ele, ele usa a frase "*o fracasso do pesar*".

Eu encontrei apenas uma discussão explícita sobre a relação entre angústia e luto, em Izard (1977). Ele propôs que a angústia é o afeto primário do qual luto é apenas um ingrediente, o que me parece exatamente o oposto do entendimento da maioria: onde o luto é o afeto original. No entanto, em uma publicação recente (2004), é evidente

que Izard tem, como Tomkins, mudado a sua terminologia. Ele não muda de angústia para luto, como Tomkins fez em seu volume de 1992, mas de angústia para tristeza. Tal como acontece com Tomkins, não existe nenhuma explicação sobre essa mudança.

Existem muitas outras palavras para emoções que aparecem fora de controle em estudos e discussões sobre as emoções. A palavra ansiedade, por exemplo, passou a significar praticamente qualquer emoção difusa. As ambiguidades da palavra medo, e as palavras de cobertura que são usadas em seu lugar, possuem um domínio menor, mas ainda muito significativo. Se, como parece razoável crer, o medo deve se referir unicamente a uma reação instintiva ao perigo físico, o que poderia significar a expressão "*Eu tenho medo de rejeição?*" No idioma Inglês, pelo menos, muitas palavras são usadas para evitar dizer a palavra vergonha. Talvez o uso da palavra medo, na frase acima, seja apenas um destes exemplos.

Existem várias pesquisas sobre a ocorrência de emoções específicas em populações, mas com resultados ambíguos. Por exemplo, quando se discute sobre acontecimentos de raiva, não é oferecido, pelos pesquisadores, uma definição detalhada dessa raiva, que abranja as palavras cognatas para as emoções que um sujeito qualquer poderia usar. Sem tal definição, no entanto, não fica claro se a distribuição resultante se refere à emoções no geral ou ao significado das palavras usadas para designar emoções. Tenho notado, por exemplo, que os meus alunos usam frequentemente o termo "*puto*" [*"pissed off"*] em vez de raiva, e, surpreendentemente, alguns deles não ligam esse sentimento à raiva. Estes alunos, se questionados sobre seus episódios de raiva, poderiam muito bem responder que não os têm.

Aaron Lazare me contou sobre uma experiência similar que teve em um estudo recente realizado por ele sobre raiva. Aparentemente, ele estava reunido com um grande

grupo de mulheres idosas judias em Nova York para investigar as suas experiências de emoção. Quando chegou ao sentimento de raiva, no entanto, todos elas negaram sua ocorrência. Ele tentou diversos cognatos (irritação, exaltação, etc), mas sempre obtinha como resposta o silêncio, até que tentou o termo "*agravamento*". Todas responderam, então, entusiasticamente com as mãos levantadas e murmúrios de reconhecimento. Uma mulher gritou: "*Oy gewalt! Nós já tivemos agravos, sim!*"

Nos estudos em inglês, onde as emoções seguem indefinidas, há uma grande probabilidade de que hajam diferentes entendimentos para as emoções: seja pelos pesquisadores, pelas emoções contextualizadas nas temáticas pesquisadas, e pelos leitores. Precisamos, com urgência, de conceitos sobre emoções para que os diversos grupos possam se compreender uns aos outros, no interior e entre os três grupos.

E quanto às taxonomias existentes?

Tanto quanto pode ser visto em publicações, os especialistas discordam em quase tudo sobre uma possível classificação das emoções. Vários estudos têm apontado para a falta de acordo sobre quais emoções são básicas. Ortony et al (1988, p.27) mostrou a ausência de acordos sobre esta questão entre doze pesquisadores, alguns especialistas líderes em seus campos. Até o número das emoções em geral, e das emoções específicas, se encontram em disputa; as menores propostas são duas, a maior, onze. Não existe uma palavra única para designar emoção que apareça em todas as doze listas. Plutchick (2003) também demonstra o completo desacordo entre os estudiosos (veja, por exemplo, a tabela por ele utilizada de dezesseis teóricos, 2003, p. 73).

Esta discordância envolve as palavras para emoção em apenas um idioma, o Inglês. A comparação das palavras emoção em diferentes idiomas abre um segundo caos.

Estudos antropológicos e lingüísticos sugerem que, do mesmo como os especialistas discordam sobre o número e os nomes das emoções básicas, o mesmo acontece com as línguas. As diferenças culturais em palavras referentes às emoções só podem ser mencionadas de passagem aqui, o assunto é tão complexo que requer um trabalho específico.

Existem também vários estudos monoculturais e transculturais que buscam classificar palavras vernaculares para emoções em função do conceito emoções. Estes estudos podem ser prematuros porque nos falta uma taxonomia de conceitos para emoções que seja consensual entre os investigadores e entre estes e os objetos. A classificação das palavras vernaculares para emoções, implica uma segunda taxonomia, necessária, sem dúvida, mas só após de se ter organizado a primeira.

Atualmente existem diversos estudos que comparam cada palavra usada como emoções ou ainda fotos de expressões faciais em diferentes línguas e culturas, buscando o maior número de semelhanças possíveis entre elas. O problema com esses estudos é que, ao utilizarem um formato quantitativo, concentraram-se inteiramente nas palavras ou fotos em si mesmas, omitindo elementos não-verbais e contextuais. No entanto, o significado das palavras emoções, em particular, é altamente dependente dos componentes extra-verbais. Como já foi referido, a frase "*eu te amo*" pode significar tudo ou nada, dependendo de como é dita, e em que contexto. Deixar de lado, porém, tanto os componentes não-verbais (como em Shaver) quanto aqueles contextuais (como em muitos estudos fotografias de expressões faciais) pode invalidar os resultados.

Em seu estudo sobre a comunicação límbica [limbic communication], Lewis et al (2000) faz uma observação semelhante no que diz respeito a abordagens para a psicoterapia. Aplicando as suas idéias para o presente

tópico, as comparações de linguagens que ignoram componentes não-verbais e/ou contextuais das palavras *emoções* vão encontrar, "*semelhanças aos livros condensados do Reader's Digest - onde, removendo o particular, as histórias são estranhamente idênticas* (p. 184)".

Como se deve começar a desenvolver conceitos sobre emoções, que, como Lewis et al sugerem, significa descer até as informações?

A maioria das tentativas para gerar taxonomias, acima referidas, não apenas discordam entre si, mas também parecem arbitrárias. Nos estudos "teóricos" não há nenhuma tentativa de vincular as classificações às particularidades, tais como dados ou até mesmo exemplos. Eles são teóricos, no sentido de que eles parecem ser gerados do nada.

Os poucos estudos taxonômicos estão baseados em dados que também parecem arbitrários, mas em um sentido diferente do discutido acima. Pesquisas sobre o significado e/ou ocorrência dentro de um único grupo idiomático, e aqueles que são multiculturais, são acontextuais e não exploram suficientemente o significado que os sujeitos atribuem aos nomes de emoções. Do mesmo modo, os muitos estudos que empregam fotos possuem as mesmas limitações.

É imprescindível que haja uma etapa preliminar para a investigação teórica e empírica sistemática. Esta etapa envolveria o esclarecimento de tropos, visto que as palavras emoções são tropos (tomados por certas metáforas)2.

A idéia de esclarecimento de tropos foi proposto pelo filósofo Quine (1979):

---

2 - Para uma discussão das palavras emoção como metáfora, ver Oatley, 2005.

> "*Os trechos ordenadamente trabalhados no interior da ciência são um espaço aberto na selva tropical, criado pelo esclarecimento de tropos [metáforas] de distância*" (1979, 2003, p. 160. Citado por Manning 1992, p. 147).

Ou seja, acontece frequentemente que antes que os procedimentos científicos sejam aplicados, uma metáfora obstrutiva tem que ser derrubada. Um tropo é uma metáfora dominante que é dada como certa. A história das ciências físicas está cheia de exemplos de esclarecimento de distância de tropos obstrutivos. Os progressos na astronomia sobre o movimento planetário foram adiados por mais de um século devido ao tropos de que a Terra era o centro do universo.

Os astrônomos, como todo mundo, tomaram como certo que os planetas circulavam em torno da Terra. No século XVI, Brahe, um grande cientista e matemático, havia feito um mapeamento preciso do trânsito de Vênus3, mas não podia traçar o formato da órbita, porque achava que o mesmo se dava em torno da Terra. Kepler, que herdou os dados após a morte de Brahe, ficou igualmente intrigado por muitos anos.

A idéia de um universo logocêntrico era tão arraigada que Kepler, inadvertidamente, bateu em cima da única solução. Em sua frustração, ele desenvolveu um modelo geométrico das órbitas planetárias com base em valores sólidos que representavam poliedros. O modelo foi ridículo exceto por uma característica, Kepler inadvertidamente colocou o sol, ao invés de terra, como o centro.

Da mesma forma, Einstein começou a trabalhar sobre a relatividade como uma piada que desafiou o tropo do absoluto de tempo e espaço. Embora tivesse um doutorado em física, Einstein sabia pouco de matemática.

---

3 - Minha discussão sobre a descoberta da órbita de Venus segue Koestler, 1959.

Ele teve de obter ajuda para colocar o seu anti-tropos em forma matemática. Ele foi um clareador de tropo antes que um cientista.

As Partes e o Todo

Se não parecem estar fazendo muito progresso com os conceitos de emoção, quer por taxonomias teóricas ou por estudos empíricos sistemáticos, o que resta? Como podemos desenvolver conceitos para emoções que se encontrem intimamente relacionados com a realidade que deveriam representar? Uma maneira de abordar este problema é tratá-lo como um problema de parte/todo: como relacionar conceitos abstratos, o todo, com os elementos da experiência real, as partes (Scheff, 1997).

Este problema surgiu de uma forma incomum em uma entrevista com a escritora Muriel Spark sobre seu romance *Os Bacharéis* [*The Bachelors*]. O romance descreve a vida dos bacharéis de diferentes idades e modos de vida em Londres, com detalhes impressionantes. A Srta Spark, uma mulher de meia-idade e solteira no momento, foi perguntado sobre como ela poderia saber tanto sobre tais homens. Sua resposta foi "*Uma vida inteira a vasculhar fiapos*". Por fiapos, Spark parece estar se referindo aos detalhes das vidas de muitas pessoas, por onde aprendeu mais sobre sua própria vida. Essa idéia pode ser tão útil nos estágios iniciais da ciência como parece ser na escrita de romances. Como William Blake, "... *Arte e ciência não podem existir, a não ser através de detalhes minuciosamente organizados*".

Em um capítulo do último livro de Richard Lazarus (1997), ele sugere uma nova abordagem, pelo menos para ele, para o estudo das emoções. Sua discussão inicial, em todo caso, sugere que no que diz respeito às emoções, alguns fios podem estar em ordem. No início do capítulo oito, ele propõe o que se poderia extrair de uma classificação das emoções, através de um estudo

minucioso das narrativas. Ele fornece um exemplo através da descrição do que parece ser uma briga conjugal. A partir desta narrativa, resulta quatro tipos de raiva: a de inibição, a de virtuosidade, a de mal-humor, e a de hostilidade.

No entanto, ele fornece apenas uma narrativa No restante do capítulo, continua a se deixar levar ainda por uma taxonomia teórica para todas as emoções principais, aparentemente esquecendo a sua própria sugestão sobre o uso de narrativas. Ele propõe muitos conceitos abstratos de emoções, mas apenas um específico: o da narrativa sobre a briga conjugal.

Um último problema. Embora as narrativas sejam melhores do que nada, continuam a ser incrivelmente abstratas, sendo apenas descrições verbais. Para chegar ao verdadeiro núcleo das emoções, necessitamos de gravações integrais do discurso. Tais registros, seja apenas em áudio ou em vídeo, se tornam viáveis para o estudo dos indicadores verbais e não-verbais das emoções.

A idéia de que conceitos e teorias precisam ser estreitamente ligados aos pormenores concretos é o tema central da chamada "*teoria fundamentada*", tal como proposta por Glaser e Strauss (1967). Uma desvantagem deste trabalho é que ele não é suficientemente preciso sobre os passos específicos a serem dados nessa dieção. Os autores mostram que o trabalho etnográfico é geralmente um pré-requisito para a formulação de teorias, mas sem especificar muito sobre os métodos efetivos para sua execução a partir das partes para o todo.

Em particular, para o desenvolvimento de um conceito, quantas *partes* devem ser comparadas a quantos *todos*? Não parece provável que haja mais inteiros do que partes, como no capítulo oito de Lázarus. Mais provavel é que não deve haver mais partes do que todos, como é o caso da pesquisa a ser descrita aqui: como os conceitos de constrangimento/vergonha e de sintonia são construídos

no trabalho de Goffman. Usando a sua abordagem como um exemplo, pode ser possível explicitar os passos necessários para fundamentar conceitos e teorias em dados concretos.

A abordagem de Goffman

No seu livro *A representação do Eu na Vida Cotidiana* [*Presentation of Self in Everyday Life*] (1959), Goffman parece estar desenvolvendo, de um modo indireto, dois conceitos: embaraço / vergonha, de um lado, e sintonia4 (intersubjetividade), do outro. Neste livro, ele dá muitos exemplos concretos para ambas as idéias, mas sem definições de cada conceito. Contudo, em trabalhos posteriores, ele procura definir ambos os conceitos. No capítulo sobre embaraço no seu livro de 1967, ele realmente fornece uma definição conceitual, e no mínimo uma definição preliminar operacional. Em outro trabalho, de 1969, e em diversos outros trabalhos, ele parece estar tentando definir o termo sintonia (estados intersubjetivos que Goffman chama de "*conhecimento mútuo*").

Embora ele casualmente utilize metáforas (como "*união mística*"), muitas vezes para se referir a falantes que estão conversando uns com os outros, ele também oferece uma definição bastante elaborada e complexa de "*estar em estado de conversa*". Uma vez que sua definição requer uma página inteira de texto, não vou repeti-la aqui. Basta dizer que ela contém frases que implicam o conhecimento mútuo e a consciência de que na consciência: "... *o entendimento vai prevalecer [entre os falantes] por tanto tempo e frequencia que cada falante puder segurar a conversa, em relação ao outro* ..." (1967, 35

4 - *Sintonia* é um termo de Stern (1977) para designar um acordo intersubjetivo, (na linguagem de Goffman, "*o conhecimento mútuo*"). Esta é uma idéia esquisita nas culturas ocidentais, por visualizar o indivíduo como uma unidade pouco combinada. A sintonia sugere que ao menos momentaneamente, duas ou mais pessoas podem se unir em pensamentos e sentimentos.

; uma formulação semelhante é dada mais cedo, na p. 34). A definição que mais se aproxima para definir explicitamente o termo *sintonia* também segue essa linha:

> "... *Um único foco de pensamento e atenção, e um único fluxo de conversa, tendem a ser mantidos e ser legitimados como oficialmente representativo do encontro*" (Goffman 1967, 34, grifo de Scheff).

A frase "*um foco único de pensamento e de atenção*" implica não só que os falantes estão prestando atenção para a mesma coisa, mas que eles estão tendo o mesmo pensamento sobre ela. Sua importância se torna mais evidente se for comparada a uma frase semelhante: "*atenção conjunta*" usada pelo psicólogo Bruner (1983), quando explica como uma criança aprende a se *sintonizar* com o seu cuidador. A mãe, diz ele, está apenas tentando ensinar uma palavra nova. Ela coloca um objeto (como uma boneca, por exemplo) com a visão alinhada em relação a si própria e ao bebê, sacode o objeto (a boneca) para certificar-se da atenção do bebê, dizendo: "*Veja que linda BONECA*". Nesta situação, o bebê provavelmente aprende não apenas o significado de uma palavra, mas também, uma vez que ambas as partes estão olhando para o mesmo objeto, como ter, conjuntamente com a mãe "*um único foco de pensamento e de atenção*", para usar a expressão de Goffman.

Uma definição conceitual da intersubjetividade é o máximo que Goffman conseguiu no esforço de explicar essa idéia; ele não apresentou, contudo, indicadores objectivos. Talvez Goffman estivesse desconfortável sobre as implicações de afirmá-la sem rodeios e seguindo uma ideia que é um anátema nas sociedades individualistas modernas, de que todos nós somos "*membros uns dos outros*". Ainda que os membros da igreja recitem esta idéia, todos os domingos, a maioria relutaria em assumir o seu significado literal, como Goffman fez.

Mas para a outra vertente interior do trabalho de Goffman, o embaraçamento, ele não se contentou em dar apenas uma definição conceitual, mas também deu seguimento a ela, oferecendo elementos para uma definição operacional.

Um indivíduo pode reconhecer um embaraçamento extremo nos outros e em si mesmo pelos sinais objetivos de distúrbios emocionais: corar, atrapalhar-se, gaguejar, possuir uma voz excepcionalmente baixa ou aguda, ter uma voz trêmula ou quebrada, sudorese, branqueamento extremado, possuir um piscar involuntário, tremer as mãos, indecisão, hesitação ou vacilação, ser distraído, e malapropismo[5]. Como Mark Baldwin comentou sobre a timidez, pode haver "*uma redução dos olhos e inclinação da cabeça, colocando as mãos para atrás, com tiques nervosos de torção dos dedos das mãos ou torcer as roupas, e gaguejar, com alguma incoerência de idéia expressa na fala*". Há também sintomas de tipo subjetivo: como a constrição do diafragma, de um sentimento de hesitação e de tremor, da consciência de gestos tensos e não naturais, de uma sensação de atordoamento, secura da boca, e tensão dos músculos. *"Estas pertubações podem ser visíveis ou invisíveis de acordo com o grau de desconforto de quem a vivencia, podendo ocorrer de forma mais ou menos perceptível aos outros"* (Goffman 1967, grifo de Scheff).

Esta definição liga uma emoção interior com os dados observáveis. Com um certo instinto misterioso, na última frase, Goffman aponta para a necessidade de elaboração posterior da definição operacional: "*Estas pertubações visíveis e invisíveis* [acompanham o embaraçamento]*, mas de forma mais ou menos perceptível*". Esta cláusula parece apontar para o desenvolvimento de um sistema de codificação mais

5 - Emprego palavras que soam parecidas, mas que possuem significados diferentes. Ocasionando uma situação ridícula de falar besteira, que soa engraçada [Nota do Tradutor].

elaborado para os indicadores vernáculares verbais e gestuais da vergonha e do embaraçamento, como o de Retzinger (1991, 1995).

A fraqueza no método de Goffman é que, em alguns casos, ele recorre a situações hipotéticas. Apesar de ajudar a argumentação, as hipóteses possuem muitos graves inconvenientes nas ciências sociais. O mais gritante é que a elas sempre faltam os detalhes do ambiente, o minuto, e as indicações aparentemente irrelevantes que, muitas vezes, fornecem a chave para a questão. O trabalho de Elias sobre a vergonha, apesar das suas deficiências (como discutido a seguir), ao menos utilizou apenas matérias na íntegra como dados.

Mas, a tentativa de Goffman para definir o embaraço é extraordinária, no contexto das ciências sociais contemporâneas. Os poucos teóricos das ciências sociais que enfatizaram as emoções raramente as definem, mesmo conceitualmente[6]. Um exemplo seria a obra prima de Elias, *O processo civilizador* (1939). Sua proposição de que o limiar para a vergonha é um certo avanço no processo civilizatório é o fio condutor de toda a obra. Em um trabalho posterior, *Os alemães* (Elias, 1996), a vergonha é de novo frequentemente evocada, embora não explicitamente, como no estudo anterior.

Elias não ofereceu nenhuma definição de vergonha em qualquer dos seus livros, parecendo assumir que o leitor compreenda o conceito de vergonha, da mesma forma que ele o fez. A ausência de qualquer definição de vergonha e de um meio sistemático de identifica-la é particularmente gritante no *Processo Civilizatório*. Este estudo envolveu uma análise extensa e detalhada de trechos na íntegra de conselhos e manuais de etiqueta, em

6 - No entanto, em seu tratamento extensivo sobre a vergonha, Lynd (1968) também deu um passo em direção a uma definição mais clara. Em uma falha rara, Goffman não faz referência ao trabalho de Lynd.

cinco idiomas, ao longo de seis séculos. A análise dos fragmentos é completamente intuitiva e, na maioria dos casos, altamente inferencial. Ou seja, a palavra vergonha é usada às vezes nos trechos por ele selecionados, mas muito mais frequentemente não o é.

Elias contou com interpretações intuitivas e inexplicáveis, que Retzinger (1995) chamaria mais tarde de *palavras de sinalização*, no contexto. Mesmo se suas interpretações fossem bastante precisas, o que poderiam ser, ele ainda deu poucas indicações para futuras pesquisas sobre o assunto. Ao contrário de Elias e da maioria dos analistas das emoções, Goffman deu, pelo menos, o passo inicial para a superação deste problema. Como Muriel Spark, ele foi um catador de fiapos[7].

Conclusão

Este trabalho propôs que uma nova taxonomia das denominações para a palavra emoções se faz necessária, e um modo para que possamos prosseguir nesta direção. O primeiro passo, talvez, seja a formação de um grupo dedicado à criação de uma nova taxonomia, uma vez que seria uma tarefa demasiada para uma ou mesmo duas pessoas. O segundo passo, seguindo o exemplo de Goffman, seria que cada uma das partes no grupo maior acumule e analise um grande número de exemplos na íntegra, que envolvam as emoções específicas que cada grupo estiver a pesquisar. Como resultado dessas investigações separadas, cada parte poderá contribuir com um ensaio sobre o conceito de emoção para o grupo

7 - Me dei conta ao escrever este artigo que foi Goffman que primeiro me contou a história sobre Muriel Spark. Por alguma razão este fato saiu da minha memória, eu estava em sua casa em Berkeley. Como eu estava admirando sua grande biblioteca, perguntei como ele conseguiu os exemplos que ele usou em sua escrita de livros. Em vez de responder, ele me contou a história de Muriel Spark.

maior. Ao se trabalhar como um grupo, cada conceito pode ser localizado em relação a cada outro conceito nele referenciado, resultando em uma nova taxonomia. O próximo passo, então, seria usar os novos conceitos de emoção para gerar uma taxonomia das palavras vernáculas para as emoções, para nos levasse a compreender como as emoções são transmitidas na linguagem cotidiana.

[Tradução: *Mauro Guilherme Pinheiro Koury*]

Referências

BRUNER, Jerome. 1983. *Child's Talk*. New York: Norton.

ELIAS, Norbert. 1978, 1982, 1983. *The Civilizing Process*. V. 1-3. New York: Pantheon.

GLASER, Barney and Anselm Strauss. 1967. *The Discovery of Grounded Theory*. Chicago: Aldine

GOFFMAN, Erving. 1959. *Presentation of Self in Everyday Life*. New York: Anchor.

GOFFMAN, Erving. l967. *Interaction Ritual*. New York: Anchor.

GOFFMAN, Erving. 1969. *Strategic Interaction*. Philadelphia: U. of Penn. Press.

HARRE, R. and G. Parrott. 1996. *The emotions: social, cultural and biological dimensions*. London: Sage

IZARD, Carroll. 1977. *Human Emotions*. New York: Plenum

IZARD, Carroll et all. 2004. Lawful Processes in Naturally Occurring Emotions. *Social Science Information* 43 (4): 599-608.

KOESTLER, Arthur. 1959. *The Sleepwalkers*. New York: Grosset and Dunlap.

LAZARUS, Richard. 1997. *Stress and Emotion*. London: Free Association Press.

LEWIS, Thomas et all. 2000. *A General Theory of Love*. New York: Random House.

OATLEY, Keith. 2005. Words and Emotions: Shakespeare, Chekhov, and the Structuring of Relationships. *Journal of General Psychology*.

ORTONY, Andrew, et all. 1988. *The Cognitive Structure of Emotions*. New York: Cambridge University Press.

PLUTCHICK, Robert. 2003. *Emotions and Life*. Washington, D.C.: American Psychological Association.

QUINE, William. 1979. A Postscript on Metaphor. In S. Sacks (Editor), *On Metaphor*. Chicago: University of Chicago Press.

RETZINGER, Suzanne. 1991. *Violent Emotions*. Newbury Park: Sage.

RETZINGER, Suzanne. 1995. Identifying Shame and Anger in Discourse. *American Behavioral Scientist* 38: 541-559

SHAVER, Philip et al. 1992. Cross-cultural similarities and differences in emotion and its representation: A prototype approach. In M. S. Clark (Eds.), *Emotion* (pp. 175-212). Newbury Park: Sage.

SOLOMON, Robert. 1981 *Love: emotion, myth, and metaphor*. Garden City, New York: Anchor Press/Doubleday.

SOLOMON, Robert. 1992. *About Love: Re-inventing Romance for our Times*. Lanham, Md.: Littlefield Adams.

STERN, Daniel. 1977. *The First Relationship*. Cambridge: Harvard University Press.

TOMKINS, Silvan. 1962; 1963; 1965; 1992. *Affect/Imagery/Consciousness*. New York: Springer.

VOLKAN, V. D. 2004. *Blind Trust: Large Groups and Their Leaders in Times of Crisis and Terror*. Charlottesville, Virginia: Pitchstone Publishing.

VOLKAN, V. D. 1997. *Bloodlines: from ethnic pride to ethnic terrorism*. New York: Farrar, Straus and Giroux.

VOLKAN, V. D.1988. *The need to have enemies and allies: from clinical practice to international relationships*. Northvale, N.J.: J. Aronson, Inc.

♣

Abstract: This paper proposes the need for a taxonomy (system of classification) of emotions, and a way we might go about developing one. We need a web of emotion names clearly defined as concepts, rather than using vernacular words. The first question is: why? It would seem that the meaning of vernacular emotion names, even in research, is extraordinarily ambiguous. The second question: aren't existing taxonomies adequate? It is clear that there is no consensus, or even much similarity, between the various proposals. The third question: if we wish to develop a new taxonomy, how should we go about it? Most of the paper is devoted to this last topic. The problem is to devise a way of generating emotion concepts that are closely related to the actual particulars that the concepts are to represent. This question can be treated as a part/whole problem, with the concepts being wholes, the empirical particulars the parts. Studies by Goffman are considered that conceptualize embarrassment/shame, on the one hand, and attunement (mutual awareness) on the other. His forte was analyzing many concrete examples, the parts, before using them to help define a concept, the whole. In conclusion, several implications of the method proposed here are offered. **Keywords:** Emotions; System of Classification; Erving Goffman; Norbert Elias.